

Quando a Vida Entra em Cena: Interfaces de Factualidade e Ficcionalidade na Telenovela Brasileira¹

Isac Oliveira GODINHO²
Mariana Ramalho PROCÓPIO³
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Este trabalho busca discutir a movediça fronteira nas relações entre ficção e factualidade, através de uma perspectiva discursiva, tendo como objeto de estudo a telenovela *Salve Jorge*, escrita por Glória Perez e exibida pela Rede Globo entre novembro de 2012 e maio de 2013. Como referência teórica principal, adotamos o conceito de ficcionalidade desenvolvido por Mendes (2004) e também a problematização que a mesma autora (2008) faz sobre a ideia de efeitos de real, uma concepção de Charaudeau (1983). A análise foi feita a partir de momentos discursivos da novela em que havia interação entre a narrativa de um personagem ficcional com a narrativa de um personagem real. Dessa forma, pudemos perceber como os efeitos de real foram utilizados para auxiliar na abordagem de temas centrais dessa novela, como o tráfico humano e a vida cotidiana dos moradores do Morro do Alemão no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: factualidade; ficcionalidade; efeitos de real; telenovela, perspectiva discursiva.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as narrativas de vida, em seus mais variados formatos, constituem um importante espaço para o mostrar-se e o exhibir-se. A vida em si parece ter se tornado matéria-prima, em maior ou menor grau, de gêneros que possuem ou não essa função memorialística, tornando a subjetividade um dos assuntos mais tematizados na mídia.

Na televisão, por exemplo, percebe-se uma tendência na apresentação de minisséries biográficas, tais como, *JK*, *Dalva* e *Herivelto: uma canção de amor*; *Maysa: quando fala o coração*, *Dercy de Verdade*, entre outras. A apresentação de histórias de

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Recém-graduado no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, bolsista de iniciação científica PIBIC/FAPEMIG no período de agosto de 2017 a janeiro de 2018, e-mail: isacgodinho18@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, e-mail: mariana.procopio@ufv.br

vida também se faz presente em quadros ou programas, como *O que vi da vida* (exibido pelo Fantástico), *Arquivo Confidencial* (apresentado no Domingão do Faustão) e *Casos de Família*. Nas redes sociais e nas diversas plataformas disponíveis pela internet, é comum encontrarmos blogs, páginas pessoais, perfis em redes sociais, videografias e o contemporâneo “selfie”, uma atualização dos antigos autorretratos para o mundo digital.

Tradicionalmente, quando falamos de narrativas de vida costumamos nos referir a gêneros de estatuto factual (MENDES, 2004), isto é, gêneros ancorados em um protocolo de referencialidade, com foco na realidade. Isso significa que tais narrativas tendem a se referir a pessoas empíricas, “de carne e osso”, de existência comprovada no mundo. No entanto, podemos citar exemplos recentes de produções midiáticas ficcionais que, não apenas se preocupam em realizar uma construção biográfica para seus personagens, como também a atrelar tais vidas no mundo objetivo, tentando imputar a elas um efeito de real.

Na trama da novela *Viver a Vida*, da Rede Globo, a personagem Luciana se tornava tetraplégica em função de um acidente. Se no horário do folhetim acompanhávamos o desenrolar de ações e estados da personagem, na internet, tínhamos acesso a um outro produto, o diário de Luciana, no qual a personagem apresentava aspectos biográficos de sua vida bem como detalhes de seu suposto cotidiano, que nem sempre era tratado na novela.

Outro exemplo, também no rol do entretenimento, foi a telenovela global *Cheias de Charme*. As personagens que formavam o trio das *Empreguetes* chegaram a ter suas vidas detalhadas em livro, a estampar produtos e campanhas comerciais, além de se apresentarem em outros programas da mesma emissora como *Penha*, *Cida* e *Socorro*, e não como Taís Araújo, Isabelle Drummond e Leandra Leal.

Nesse trabalho, pretendemos estudar os entrelaçamentos entre factualidade e ficção, mas sobretudo a emergências de narrativas de vidas reais na trama da telenovela *Salve Jorge*, escrita por Glória Perez e exibida pela Rede Globo entre outubro de 2012 e maio de 2013.

A telenovela em questão teve como mote principal o tráfico humano e, além de personagens variados ilustrarem a temática principal (como as personagens *Morena*, *Jéssica* e *Aisha*), a temática fora desenvolvida também no interior da trama pela inserção depoimentos e “personagens” reais, que interagem com os personagens fictícios e revelavam suas histórias relacionadas ao tráfico de pessoas.

Importante dizer que as telenovelas da emissora já evidenciaram depoimentos de pessoas reais ao final de seus capítulos ou procuraram desenvolver algumas interfaces da trama ficcional com programas factuais da emissora ou com suas outras mídias. O diferencial da telenovela *Salve Jorge* parece ser o modo como os estatutos da factualidade e ficcionalidade são imbricados em um mesmo produto. Interessa-nos, pois, observar como esse imbricamento ocorre discursivamente, que marcas linguístico-discursivas ele traz e que estratégias e efeitos discursivos são pretendidos com a mistura das narrativas de vida ficcionais e factuais no interior da trama.

Ficcionalidade e factualidade em uma perspectiva discursiva

De acordo com Mendes (2004), a ficcionalidade deve ser percebida como um processo comunicativo que se constitui da simulação de um mundo possível, atuando de maneiras diferenciadas em variados gêneros discursivos.

A ficcionalidade é o mecanismo de produção da ficção, ou da ativação da ficção - seria algo como uma « mise en fiction », por assim dizer. A ficcionalidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto. Tal alteração dependerá do intuito com o qual a ficcionalidade for utilizada – podendo estar presente em maior ou menor escala. Devemos dizer que o estatuto é externo ao gênero, isto é, encontra-se em um nível situacional já que é o resultado da união de várias das condições de funcionamento da genericidade. Estatutos podem ser classificados em: ficcional, factual e não-factual. Já a ficcionalidade pode ser tanto interna quanto externa ao gênero. (MENDES, 2004, p.117)

A autora também separa a ficcionalidade em três classificações, a saber: constitutiva, colaborativa e predominante, mas em todas elas há o processo de simulação de um mundo real.

A constitutiva é uma simulação inerente ao discurso, que está intrínseca à linguagem. Como exemplo desse tipo de ficcionalidade temos a língua representando os objetos no mundo, pois ao falarmos de um objeto estamos representando, de uma maneira geral, os objetos no mundo. Também podemos tomar como exemplo a estrutura verbal no futuro, que representa possibilidades que podem não vir a se concretizar. Dessa mesma maneira também podemos pensar em promessas, orçamentos, projetos de pesquisa, previsões do tempo, entre outras projeções.

A ficcionalidade colaborativa contribui para a construção de um determinado gênero. Nesse caso, o gênero teria um estatuto factual, porém o discurso teria características do ficcional. Para entender esse tipo podemos pensar nas metáforas, nas

simulações de eventos reais, muito utilizadas pelo jornalismo, propagandas publicitárias ou no uso de exemplos por um professor em sala de aula.

A ficcionalidade predominante se refere a discursos de estatuto predominantemente ficcional. Nesse caso, trabalhamos com o conceito mais difundido do que é a ficção. Como exemplos temos os romances, contos, o cinema, o teatro, as letras de música, histórias em quadrinho e as telenovelas, como trabalhamos no presente artigo.

Já a factualidade está relacionada com a situações que vivenciamos, ou que podemos observar no nosso dia a dia. Podendo ser essas situações tanto objetivas quanto subjetivas.

A factualidade é o mecanismo de produção do fato, ou seja, ela permite o reconhecimento de uma situação possível. Assim como a ficcionalidade, a factualidade pode perpassar qualquer gênero de discurso e pode alterar ou não o estatuto de um texto. (MENDES, 2004, p.117)

Os efeitos de real como estratégias discursivas

Mendes (2008) também faz uma problematização do conceito de efeitos de real, uma abordagem de Charaudeau (1983), que se aplica às marcas de factualidade presentes em discursos onde o estatuto é predominantemente ficcional, como é o caso da telenovela.

Desse modo, os efeitos de real, representariam a inserção de “momentos” ou “trechos” de situações factuais em discursos onde há o predomínio da ficcionalidade. Eles podem ser usados como estratégias discursivas para atingir certos objetivos do produtor do discurso e provocar determinados efeitos no público, transmitindo uma história mais completa e que toque o leitor de maneira mais intensa.

A partir disso, “podemos dizer que a estratégia consiste em operacionalizar os meios de persuadir ou seduzir o interlocutor, a partir da instauração de alguns procedimentos discursivos” (PROCÓPIO, 2012, p.173).

As estratégias discursivas podem ser divididas em três tipos distintos, de acordo com os objetivos de cada uma delas. A saber, são eles: legitimidade, credibilidade e captação.

A estratégia de legitimidade é o que garante o “poder de fala” ao enunciador. Ela vem mais da posição social da pessoa, por isso ela não apresenta muita possibilidade de avaliação.

Charaudeau (1995) revela que a estratégia de legitimidade tem as seguintes características: é externa ao sujeito falante e se origina do estatuto mais ou menos institucional do locutor. Somos, pois, levados a crer que é a legitimidade que garante o poder de dizer, em uma situação de comunicação. Em função de ela estar condicionada a um estatuto institucional, não recaem sobre a legitimidade possibilidades de avaliação ou de gradação. A legitimidade é o resultado de uma adequação entre um ato de fala, uma situação e a posição social de seu autor. A construção de tal estratégia pode ser realizada por meio de informações prévias a respeito da identidade social daquele que enuncia, assim como pelas pistas e indícios discursivos que o enunciador deixa em seu ato de linguagem a fim de comprovarem a legalidade da sua posição e, portanto, a sua autoridade para dizê-lo. (PROCÓPIO, 2012, p.173)

A estratégia de credibilidade se relaciona com a veracidade do que é dito, com o conhecimento necessário para se transmitir aquelas informações e convencer o seu destinatário.

Em relação à estratégia de credibilidade, de acordo com Charaudeau (1995), o sujeito que comunica deve ser percebido como alguém que diz a verdade, que comprova um “saber dizer”. São direcionadas para a busca de uma racionalidade das informações reveladas. Interessante pontuar que essa uma estratégia deve ser adquirida ao longo do processo de trocas languageiras. Podemos perceber que a legitimidade não é suficiente para assegurar o direito à fala. Ainda que ela predisponha o interlocutor a acreditar em uma determinada ideia defendida em um ato de linguagem, para convencer o interlocutor, o sujeito que comunica deve ser julgado apto para saber dizer a verdade. É necessário que ele se mostre capaz de provar a sua capacidade em lidar com as restrições impostas pelo contrato. (PROCÓPIO, 2012, p.176)

A estratégia de captação busca convencer o destinatário a compartilhar de um mesmo pensamento ou ideia. Para isso, o emissor do discurso tenta despertar sensações e emoções em seu receptor, através de determinadas técnicas discursivas.

A estratégia de captação procura despertar certas sensações e emoções no interlocutor, a fim que ele se posicione favorável a uma visada de influência do sujeito que comunica [...]

Para que a captação seja efetivada, é necessário tocar o universo de crença e os estados emocionais do interlocutor em questão, mobilizando, sobretudo, os imaginários sociodiscursivos e as expectativas do destinatário do discurso. Os procedimentos discursivos instaurados tendem a emocionar o interlocutor a partir da utilização de recursos como: tom, procedimentos de sugestão, de conviência, de humor, de dramatização, de encenação entre outros. (PROCÓPIO, 2012, p.182)

A factualidade na novela *Salve Jorge* através de relatos biográficos

No presente trabalho, analisamos a telenovela *Salve Jorge*, escrita pela autora Glória Perez e veiculada pela Rede Globo entre os dias 22 de outubro de 2012 e 17 de maio de 2013, totalizando 179 capítulos.

A trama da novela girava em torno de questões envolvendo o tráfico humano e também a vida cotidiana dos moradores do Morro do Alemão. Estes temas foram fortemente abordados através de narrativas de vida, tanto de personagens fictícios, quanto de personagens reais, que eram inseridos na trama, por vezes interagindo com os personagens ficcionais, com o objetivo de produzir determinados efeitos no telespectador.

A questão do tráfico humano tratava tanto de mulheres levadas para fora do Brasil para serem escravizadas e prostituídas, como de bebês, que eram roubados e vendidos no exterior para pessoas que queriam fugir da burocracia dos processos de adoção convencionais. Dentre os personagens criados pela autora, podemos citar as jovens Morena, Jéssica, Waleska e Rossângela, que foram traficadas pela gangue dos vilões Lívia, Wanda e Russo e presas em uma boate na Turquia, onde eram obrigadas a se prostituir. Já em relação ao tráfico de crianças, a autora explorou o drama de Aisha, uma jovem que foi adotada por um casal turco e descobre quando adulta que havia sido traficada do Brasil.

Além das histórias dos personagens fictícios, eram mostrados depoimentos de pessoas que enfrentaram situações de tráfico humano, de modo a aproximar a história da realidade das pessoas que assistiam à novela.

Para falar sobre a vida dos moradores do Morro do Alemão, eles usaram a comunidade como um dos núcleos principais da novela, lá moravam diversos personagens, entre eles a protagonista, Morena. Pensando nos efeitos de real, a trama trouxe para a narrativa dois personagens, Sidney e Renê. Juntos eles comandavam o jornal online “Voz da Comunidade”, que se preocupava em noticiar os acontecimentos do Morro do Alemão. Sidney foi um personagem criado pela autora Glória Perez, enquanto Renê é um jovem morador da comunidade, que realmente comandava o blog de mesmo nome e ficou muito conhecido por noticiar a situação do Alemão durante as ocupações feitas pela polícia em dezembro de 2011.

Através desses personagens, eram inseridos na trama outros personagens reais que agregavam credibilidade para a história narrada na telenovela, além de despertar o interesse de telespectadores em potencial, que poderiam se mostrar mais dispostos a

assistir à trama ao saber da relação das histórias ali abordadas com a de pessoas da vida real.

Para a análise, primeiro assistimos todos os capítulos da obra em questão e selecionamos aqueles em que a narrativa de vida e os personagens factuais estiveram presentes. Com isso, conseguimos perceber que dentre os 179 capítulos da novela, em 23 deles há a presença de relatos de personagens reais, contribuindo para a história ficcional, o que resultaria em 12,85% dos capítulos totais da trama.

Analisando as cenas em que há a inserção dos relatos de personagens factuais, podemos ver que na grande maioria há algum tipo de interação entre os personagens da novela e os da vida real. Das 23 cenas analisadas, apenas em 6 delas o depoimento vem deslocado da narrativa e marcado por um efeito de transição inserido na tela. De toda forma, mesmo nos relatos que aparecem à parte da trama, a história contada se relaciona com a história que está em andamento no capítulo da novela.

Em um desses depoimentos apresentados de forma deslocada da narrativa, é apresentada a história de Ana Lúcia, uma mulher que foi traficada e teve uma de suas amigas assassinada pelos traficantes, história também presente no enredo da telenovela. Ana Lúcia narra sua experiência em duas ocasiões, em episódios em que a protagonista, Morena, vive situações similares. Podemos perceber isso no depoimento abaixo, exibido no capítulo 85 da trama, logo após Morena contar para uma amiga sobre a morte da personagem Jéssica, que aconteceu no episódio 79.

Meu nome é Ana Lúcia, eu fui traficada em 1998 para Tel Aviv em Israel com outras meninas, inclusive junto com essa minha amiga. Minha amiga que morreu. A gente era como irmã. Aplicaram a heroína nela e jogaram o corpo dela enrolado em um lençol em um dos becos em Tel Aviv com o passaporte e a passagem dela. Eu fui com uma proposta de trabalhar em uma lanchonete, como garçõete e quando chegou lá não era nada disso. O que nós vivemos foi muito mais forte, foi muito mais difícil, foi muito mais sofrido. Foi um sofrimento bem maior, porque a gente apanhava, a gente não comia, a gente era maltratada, a gente era prisioneira, a gente era humilhada. Sofremos muito na mão do Russo. O Russo era o homem ‘mais ruim’ que tinha naquele lugar pra gente, é o que mais maltratava a gente.

Ser escrava como nós fomos, fomos traficadas e fomos escravas. Isso é o que mais dói na gente (REDE GLOBO, 2013)

A história de Ana Lúcia ainda é retomada no capítulo 122 da novela. Dessa vez, a delegada Helô, que investiga os casos de tráfico humano da novela, assiste uma reportagem veiculada em um telejornal da época, sobre o caso de Ana Lúcia.



Figura 1 - Helô assistindo a reportagem sobre o caso de Ana Lúcia

Nas situações em que a fala é inserida dentro da narrativa da telenovela, um recurso muito utilizado para marcar a interação entre os personagens é a mediação da conversa por equipamentos digitais, como tablets e notebooks.

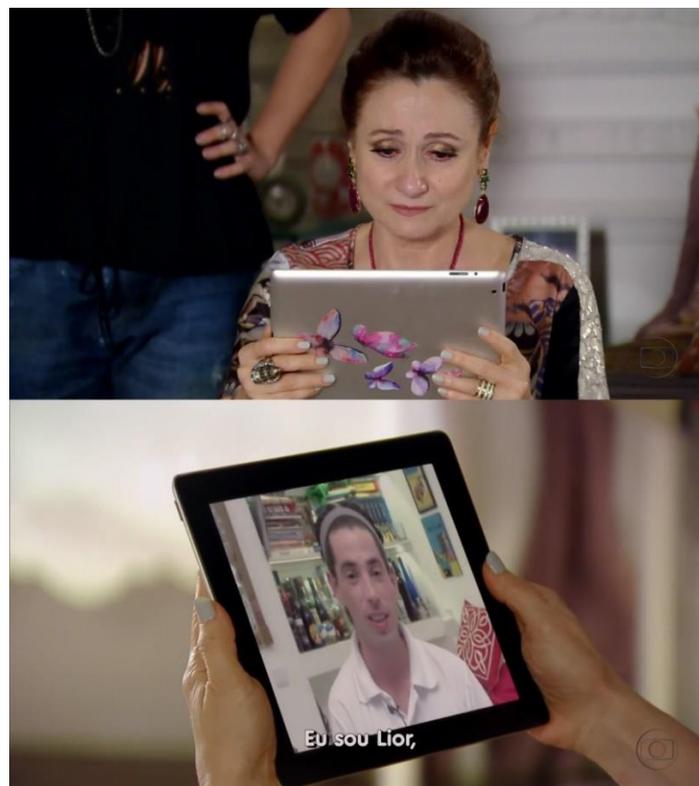


Figura 2 - Personagem fictício (Berna, a cima) e personagem real (Lior abaixo) interagindo através de um tablet.

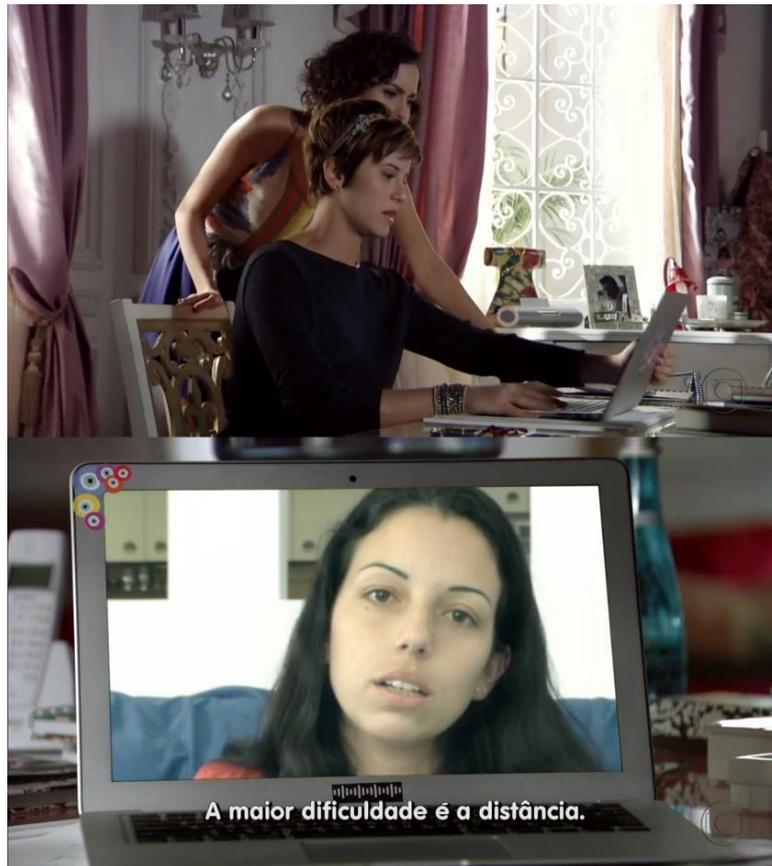


Figura 3 - Personagens fictícios (Aisha e Zoe, a cima) e personagem real (Jen, abaixo) interagindo através de um notebook.

Durante a análise, pudemos perceber que os depoimentos dos personagens reais foram gravados separadamente, mas no trabalho de edição e roteiro da novela é criada a interação entre os personagens, criando a sensação de que eles estejam conversando em tempo real. Como podemos perceber no diálogo abaixo, entre a personagem fictícia Aisha e a personagem real Jen, uma brasileira que foi traficada para Israel ainda bebê.

Jen: Oi, meu nome é Jen. Eu nasci no Brasil na “fecha” 21 de agosto. Não sei como se diz “fecha”.

Aisha: É data, em português se diz data. Você nasceu no dia 21 de agosto...

Jen: Na data 1985, na cidade Santa Catarina, Bom Retiro. Tenho papeis que têm o nome da minha mãe, se chama Marlene Bezerra. Eu estou buscando ela e qualquer informação, eu tô alegre.

Aisha: E eu sou de São Paulo, Jen. Eu também tô procurando a minha mãe.
(REDE GLOBO, 2012)

Na transcrição do diálogo presente na trama, podemos ver que o depoimento de Jen já estava gravado e posteriormente, foram inseridas falas da personagem fictícia, Aisha, para simular uma interação direta entre as duas.

Nos casos das entrevistas feitas para o blog dos personagens, Sidney e Renê muitas vezes eles faziam a entrevista, interagindo diretamente com a pessoa, mas era utilizado um recurso que simulasse a imagem do entrevistado na filmagem da câmera.



Figura 4 - Sidney, Renê e Otávio interagindo com o auxílio de uma câmera

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa análise, percebemos que há uma tentativa de mascarar esses efeitos, reduzindo as fronteiras entre o factual e o ficcional. De modo que passe ao telespectador a sensação de que todos os personagens, fictícios e factuais, coexistissem no universo retratado pela autora na trama.

Outro fator importante que podemos mencionar a partir da análise é a utilização dos efeitos de real causados como estratégias de legitimidade, credibilidade e captação.

Para a legitimidade, podemos usar como exemplo os reais moradores do Morro do Alemão falando de suas experiências e vivências na comunidade. Eles que ali

construíram sua história têm a legitimidade maior para falar sobre como é a vida cotidiana naquela localidade do que os personagens ficcionais, criados pela autora.

Como estratégia de credibilidade, podemos citar as pessoas que foram traficadas, mostrando os problemas e dificuldades que passaram devido a documentação falsa e falta de informações sobre seus familiares biológicos. Eles, diferente dos personagens da ficção, já passaram por essa situação e corroboram as hipóteses levantadas na telenovela.

A estratégia de captação é utilizada para atrair um público em potencial. Pessoas que podem ver que a trama da telenovela discute situações que ocorrem no dia a dia e se interessem em assistir a novela. É um meio de aproximar o telespectador da história ficcional narrada na novela e aumentar a audiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENDES, E. Contribuições ao Estudo do Conceito de Ficcionalidade e de suas Configurações Discursivas. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004. Tese de Doutorado.

MENDES, E. Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e efeitos de gênero. In: LARA, G. M. P., MACHADO, I. L., EMEDIATO, W. (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 199-220.

PROCÓPIO, M. R. A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo. 2012. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

REDE GLOBO, Salve Jorge. Transcrição de cena exibida no capítulo 28 da telenovela, no dia 22 de novembro de 2012. Cena exibida entre os minutos 01:35 e 02:30.

REDE GLOBO, Salve Jorge. Transcrição de cena exibida no capítulo 85 da telenovela, no dia 28 de janeiro de 2013. Cena exibida entre os minutos 01:39 e 02:59.